



ANais DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. VII (2006)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

José Manuel Santos Pérez, George Cabral de Souza (orgs.), El Desafío Holandés al Dominio Ibérico en Brasil en el Siglo XVII. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, 290 pp. [recensão]

André Murteira 

Como Citar | How to Cite

Murteira, André. 2006. «José Manuel Santos Pérez, George Cabral de Souza (orgs.), El Desafío Holandés al Dominio Ibérico en Brasil en el Siglo XVII. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, 290 pp. [recensão]». *Anais de História de Além-Mar* VII: 411-412. <https://doi.org/10.57759/aham2006.37731>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities[re]
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2006. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2006. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

JOSÉ MANUEL SANTOS PÉREZ, George Cabral de Souza (orgs.), *El Desafío Holandés al Dominio Ibérico en Brasil en el Siglo XVII*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, 290 pp.

El Desafío Holandés al Dominio Ibérico en Brasil en el Siglo XVII reúne doze artigos, originados em doze conferências apresentadas num congresso realizado em Salamanca em 2004, por ocasião das comemorações dos 350 anos da expulsão dos holandeses no Brasil e dos 400 anos do nascimento de Johan Maurits van Nassau-Siegen, o mais famoso governador do Brasil neerlandês. Na introdução, os organizadores do livro, José Manuel Santos Pérez e George Cabral de Souza, fazem um breve apanhado da historiografia do Brasil holandês, do século XVII aos dias de hoje, e afirmam pretender contribuir para colmatar a lacuna de trabalhos em espanhol sobre o tema. Assim, apesar de o volume reunir trabalhos de historiadores de variadas proveniências, todos os artigos aparecem redigidos em castelhano.

O primeiro artigo, do historiador holandês Pieter Emmer, aborda a história da aventura da Companhia das Índias Ocidentais neerlandesa, vulgo WIC, no Brasil, concluindo que são infundadas as acusações que se lhe fazem de ter cometido um erro ao lançar-se à conquista do Nordeste brasileiro, pois, defende, não teria, à época, outra maneira de se viabilizar a não ser apoderando-se do comércio do açúcar brasileiro. Segue-se a análise detalhada por Rafael Valladares de um importante episódio da guerra entre ibéricos e neerlandeses no Brasil: a história da armada luso-hispânica de 1638, inspirada na armada conjunta que em 1625 reconquistara Salvador da Baía à WIC. Ao contrário da sua predecessora, a expedição de 1638 foi um fracasso, por razões que Valladares atribui em parte à forte insatisfação em Portugal e no Brasil com o governo do Conde-Duque Olivares nas vésperas da Restauração de 1640, definindo assim a expedição como um fracasso com causas políticas, além de militares. Manuel Herrero Sánchez aborda depois a repercussão da Restauração para a relação da República neerlandesa quer com Portugal, quer com Espanha, num período que vai até 1669. A independência portuguesa foi decisiva para a paz hispano-neerlandesa de 1648, pois libertou Madrid da necessidade de resolver o problema das intromissões holandesas nos domínios ultramarinos portugueses, sem o que nenhuma paz entre as duas partes era concebível antes de 1640. Assim, depois de 1640, o que se poderia chamar a «questão ultramarina» pendente entre Lisboa e a Haia atrasou por bastante tempo a normalização das relações luso-neerlandesas, enquanto que, a partir de 1648, a Espanha e as Províncias Unidas se convertiam rapidamente em importantes aliados – algo que constituía uma ameaça óbvia para Portugal, em guerra com os espanhóis na Europa e com os holandeses fora dela. O autor demonstra, no entanto, como a aproximação entre Madrid e a sua antiga inimiga não foi, apesar de tudo, suficiente para inviabilizar a independência portuguesa.

Em seguida, um dos organizadores do volume, José Manuel Santos Pérez, procede a uma comparação entre a presença portuguesa e holandesa no Brasil. Após isto, dá-se uma mudança de ênfase, com um artigo de Marcos Albuquerque baseado em fontes arqueológicas sobre a presença holandesa em Pernambuco, que sumaria as investigações levadas a cabo sobre o tema pela arqueologia brasileira. Seguem-se dois artigos de história cultural: no primeiro, Stuart Schwartz analisa o fenómeno da tolerância religiosa no Brasil holandês, sublinhando como a política de tolerância praticada por Maurício de Nassau

não deve ser considerada completamente estranha à cultura ibérica da época; no segundo, Ernst van den Boogaart estuda em detalhe o contexto de produção de uma conhecida pintura de Albert Eckhout de uma dança índia, encomendada por Maurício de Nassau.

George Cabral de Souza, outro dos organizadores do volume, trata das repercussões da dominação holandesa em Pernambuco posteriores à retirada da WIC do Brasil. Seguem-se dois artigos que versam, de diferentes modos, os contactos dos holandeses com a América espanhola: Enriqueta Vila Vilar debruça-se sobre a presença neerlandesa nas Caraíbas durante o século XVII, enquanto Clície Adão analisa a visão apresentada pelo cronista neerlandês Gaspar Barleus da região chilena, que os holandeses visitaram infrutiferamente na primeira metade do século XVII. O livro conclui-se com um estudo de Oscar F. Hefting e outro de Hans van Westing, ambos baseados, como o artigo de Marcos Albuquerque, em fontes arqueológicas, e que sumariam os resultados de investigações de arqueólogos holandeses no Forte Orange, em Itamaracá.

Cremos que o breve resumo que acabámos de fazer dá bem a ideia do interesse da obra em questão, que constitui sem dúvida um contributo de valor para a bibliografia da história da presença neerlandesa no Brasil e na América ibérica em geral.

ANDRÉ MURTEIRA

Mestre em História da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Investigador do Centro de História de Além-Mar da FCSH-UNL.

Rocio SÁNCHEZ RUBIO; Isabel TESTÓN NÚÑEZ; Carlos M. SÁNCHEZ RUBIO (eds.),
Imágenes de un Imperio Perdido: el Atlas del Marqués de Heliche – Plantas de diferentes Plazas de España, Italia, Flandres y Las Indias. [Mérida], Presidencia de la Junta de Extremadura, 2004, 141 pp. + 246 pp. de ests.: col.; 31 x 43 cm. ISBN 84-688-6295-2

Apesar da existência do chamado *Atlas do marquês de Heliche* ser conhecida, há vários anos, por parte de um número restrito de especialistas em cartografia antiga ¹, os créditos pelo seu efectivo resgate e divulgação pública pertencem por direito próprio aos três responsáveis pela sua recente redescoberta ocasional e pela edição crítica ora saída a lume: as historiadoras Rocío Sánchez Rubio e Isabel Testón Núñez (Universidade de Extremadura) e o documentalista Carlos Sánchez Rubio. A obra em causa foi encadernada com o título «Plantas de diferentes Plazas de España, Italia, Flandres y Las Indias» e integra o espólio da secção Handritade Kartverk (vol. 25) do Arquivo Militar de Estocolmo, o Krigsarkivet. Este Atlas foi encomendado no início da década de 1650 por D. Gaspar de Haro y Guzmán, marquês de Heliche e, mais tarde, sétimo marquês del Carpio (1629-1687). Desenhou-o Leonardo de Ferrari, um relativamente obscuro pintor bolonhês residente em Madrid. O trabalho foi entregue ao marquês em 1655. Pouco depois da sua morte, passou para a posse do erudito e diplomata sueco Johan Gabriel Sparwenfeld (1655-1727), que o encaminhou para a Suécia em 1690 – talvez via Lisboa num barco sueco carregado de sal. Por decisão real, foi trasladado para o Krigsarkivet em 1880. É composto por 131 esboços de cidades e fortalezas, vistas e representações de cercos e batalhas, correspondendo a 104

¹ Ver Erland F. JOSEPHSON, «Plantas de diferentes plazas... Presentation av en atlas på Krigsarkivet», in *Meddelanden från Krigsarkivet*, 9, 1982, pp. 259-273; Magnus MÖRNER & Aare MÖRNER, *Spanien i svenska arkiv. Arkivguide/ España en los archivos de Suecia. Guía de archivos*, Estocolmo, Riksarkivet [Arquivo Nacional da Suécia], 2001, pp. 44-49.